



A Descoberta Do Insólito: uma entrevista com Prof. Dr. Mário Augusto Medeiros da Silva

José Ricardo Marques dos Santos^a; Dener Santos Silveira^b; Erik Borda^c

Apresentação

Em uma tarde de outubro os alunos da pós-graduação da sociologia da UFSCar José Ricardo Marques dos Santos e Dener Santos Silveira e o graduado em Ciências Sociais pela UFSCar Erik Borda estiveram em Campinas para entrevistar o Prof. Dr. Mario Augusto Medeiros da Silva, do departamento de Sociologia da Unicamp. Autor do livro “*A descoberta do Insólito: literatura negra e literatura periférica no Brasil (1960-2000)*”, fruto de seu doutorado defendido pela mesma instituição. A entrevista faz parte do Dossiê “*Diáspora Descentramentos e relações Raciais no Brasil Contemporâneo*”, a escolha foi proposta de consenso do grupo de pesquisa da sociologia “Relações Raciais no Brasil Contemporâneo” da UFSCar ao qual os três entrevistadores fazem parte. A entrevista ocorreu em um fim de tarde na sala do professor. A atividade ocorreu com um ar descontraído, onde nos foi permitido fazer as mais diversas perguntas, a maioria construídas de forma colaborativa no grupo de pesquisa. Entre muitos risos e informações foi possível conhecer um pouco mais desse recém professor e pesquisador das relações raciais no Brasil. Devido ao fato desse espaço ser reduzido e do grande material gravado foi necessário fazer uma seleção dentre as mais de três horas de entrevista gravada. Segue abaixo os melhores momentos desse bate papo descontraído que tivemos com Mario Augusto Medeiros da Silva¹.

Dener Santos Silveira: A nossa escolha por convidar você fazer parte desse Dossiê, pelo menos como parte através da entrevista, é que seu trabalho alia uma organização metodológica muito interessante, criativa e resultado muito interessante do ponto de vista, porque você consegue relacionar o pensamento social Brasileiro e ao mesmo tempo você toca em pontos importantes para aqueles que estão trabalhando com uma abordagem metodológica pós-colonial, estudos culturais, estudos feministas em certo sentido... que tendem a trazer essa clivagem da diferença e da cultura. Só que você trabalhou de uma forma muito interessante, uma organização metodológica para abordar um período que não é curto 1960 a 2000. Organizado de maneira muito interessante. Essa era uma das coisas que fez a gente escolher essa entrevista.

¹ Toda citação estará neste texto entre aspas e em itálico.

^a Doutorando, Universidade Federal de São Carlos – UFSCar, Programa de pós-graduação em Sociologia. Membro do núcleo de pesquisa relações raciais contemporâneas e do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros NEAB, Universidade Federal de São Carlos – UFSCar, São Carlos, SP, Brasil. Contato: domcso@gmail.com

^b Doutorando, Universidade Federal de São Carlos – UFSCar, Programa de pós-graduação em Sociologia. Membro do núcleo de pesquisa relações raciais contemporâneas e do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros NEAB, Universidade Federal de São Carlos – UFSCar, São Carlos, SP, Brasil. Contato: denercso@yahoo.com.br

^c Graduado em Ciências Sociais, Universidade Federal de São Carlos – UFSCar. Membro do núcleo de pesquisa relações raciais contemporâneas e do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros NEAB, Universidade Federal de São Carlos – UFSCar, São Carlos, SP, Brasil. Contato: erik.borda@hotmail.com.



Erik Borba: Tendo em vista o tema do Dossiê “*Diáspora Descentramentos e Relações Raciais no Brasil Contemporâneo*” uma das coisas que me chamou a atenção, e por onde podemos começar essa entrevista, é que você toca no seu livro na presença de brasileiros no congresso de escritores negros que aconteceu em Roma, no segundo congresso, no qual estava, por exemplo Franz Fanon, por mais que no seu trabalho não ficou o indicativo do que eles trouxeram de fato, você aponta para uma relação que a intelectualidade negra brasileira tinha em alguma medida com esse cenário mais global de autores negros e africanos que estão nesse período. Com relação a isso, acho que a primeira pergunta é: em que medida essa trocas globais entre a intelectualidade negra influenciaram esses escritores e ativistas negros do Brasil? E em que medida a análise desse processo traz desafios para a sociologia que no Brasil? Sendo que aparentemente essa seguiu uma tendência de ver o “negro” dentro do contexto nacional e que remete a problemas a do contexto nacional.

Mario Augusto Medeiros da Silva: A pergunta vai dar uma resposta longa, uma pergunta boa, o desafio principal é conseguir concretizar essa conexão de sentido, quanto ao caso especificamente ao caso do congresso dos pesquisadores “negros” que você mencionou, de 1959 o primeiro foi 1956 o segundo em 1959. Como que eu cheguei nessa aproximação, no tudo começa com entrevista com Osvaldo de Camargo escritor e com as fontes que eu fui levantando com a Associação Cultural do Negro. De repente se depara ali com a figura do Geraldo Campos de Oliveira que num depoimento que o José Correia Leite dá para o Cuti que ele diz que o Geraldo Campos de Oliveira teria ido para o congresso de pesquisadores negros na França. Isso tem uma passagem literal que eu cito no trabalho que o Geraldo Campos de Oliveira participou desse congresso e trouxe uma porção de documentos, o José Correia Leite não diz muito bem que tipo seria esses documentos, se seriam as atas do congresso ou uma tese que ele tenha contribuído ou recebido, e aí eu fui a naquela ocasião, embora o período que eu lido de 1960 a 2000, rigorosamente na tese eu retorno até a década de 1950, por causa da associação cultura do negro, entrevistando o Osvaldo eu disse “*vem cá, me fala sobre essa figura Geraldo Campos de Oliveira*” porque as informações que a gente tem sobre ele são pouquíssimas, e de repente a gente tem esse homem, que é um professor, como professor da década de 1950, pelas fotos que se tem da época, já está em meia idade, que nasce no começo do século XX, contemporâneo do Correia Leite, que nasceu em 1900, que se formou professor, que você consegue descobrir que foi diretor do *Teatro Experimental do Negro* em São Paulo, conexão direta com o Abdias, e também pouco se sabe sobre a experiência do TEN² em São Paulo, e que militou na legião negra, foi chefe comandante militar civil da legião negra na década de 1930 e sempre referenciado como professor, como homem que tem essa bagagem cultural, e que há uma esforço coletivo para o congresso de escritores. O próprio Osvaldo também me falou muito pouco da figura do Geraldo e dessa ida do Geraldo para o congresso de pesquisadores negros. Agora o Problema, que torna mais interessante, é qual congresso ele vai e as circunstâncias, ele consegue fazer uma vaquinha, nos documentos da ACN³, lá em São Carlos, dá para perceber que ele vai pedindo apoio para viajar, não fica claro se só o dinheiro dos associados permitiram isso ou se houve de fato a concessão de passagens e ele vai para o congresso que tem justamente Fanon fazendo a conferência sobre Racismo e Cultura. Primeiro que em um congresso que vai acontecer em outro país, a primeira coisa que me vem à cabeça é que: “esse cara tem que saber falar francês”. Ou se, depois eu fui procurar as informações sobre o congresso, eu menciono a pesquisa foi feita pelo pessoal do museu ... que dá as notas do congresso, não dá para saber se houve tradução simultânea, aí depois,

² Teatro Experimental do Negro

³ Associação Cultural do Negro.



acho que você ou outra pessoa de São Carlos recentemente, acho que foi o Deivison, que me alertou, que havia uma outra possibilidade porque no congresso havia já um outro brasileiro que era o pintor Tibério que está lá radicado em Paris a muito tempo – então conhece a língua francesa. Que pode ter sido tradutor, pode ter sido mediador do Geraldo, mas o que importa disso tudo é que tem uma associação de negros de São Paulo, que são homens e mulheres trabalhadores funcionários públicos professores, várias empregadas domésticas, um núcleo duro que é de funcionários públicos médio, professores, trabalhando na prefeitura de São Paulo, no estádio ou coisa do tipo, e tem a visão a demandar um cara para um congresso, que se você for ver, em termos de intelectuais brasileiros – só esses dois, e em termos de escritores ou pesquisadores da questão negra nenhum brasileiro foi, nem no primeiro nem no segundo, então isso é assombroso. Por outro lado, também não é tão assombroso, ai entro na segunda parte da sua pergunta, haja vista que abre um campo de pesquisa para pesquisadores da Diáspora, da questão racial acho que tem muita coisa para nadar, que são as conexões que se estabelece no mundo negro, no Brasil com o Caribe, com os Estados Unidos, com a Francofonia, para mim é um encontro de tirar o sono em termos de pesquisa. De novo fazendo referência ao Correia Leite, dizendo o seguinte “a gente tinha no Clarim da Alvorada uma seção chamada o mundo negro, e eu era um grande leitor um grande admirador das ideias do Marcus Garvey”, e a gente está falando de 1920. 1920! O Correia Leite dá aquilo de barato dizendo que recebia traduções do jornal do Garvey do [...] que vinha da Bahia que vinha para São Paulo e a gente publicava no Clarim (Correia Leite) na sessão dedicada ao mundo negro, isso em 1920. Diáspora é um termo muito contemporâneo mas se a gente for ver para valer ela já vem rolando na década de 1920. Para se restringir ao século XX na década de 1920 em São Paulo, na capital Paulista, articulando Brasil, com os Estados Unidos, com a Jamaica, já que é Garvey, e com uma conexão interna de intelectuais negros, você tem gente na Bahia que é capaz de traduzir do inglês para o português e mandar isso para São Paulo e isso ser veiculado, esse tipo de coisa já está acontecendo, digamos que já há uma experiência ou tentativas de uma experiência internacional, diálogo em São Paulo, que antecede o congresso dos pesquisadores negros em 36 anos mais ou menos, isso, não sei o que vocês pensam disso, mas é de uma riqueza e de um problema de pesquisa concreto teórico muito interessante para a gente pensar. O problema são as fontes para dar concretude a essas fontes, tanto no caso de 1920 quanto no caso de 1956. Pergunta: “quem é, quem são as pessoas que o Correia Leite diz que traduzem, ele diz um nome Mário diz outro nome que não lembro, não me lembro o nome agora, uma dupla de intelectuais negros que traduzem isso e mandam para São Paulo, como é que a gente acessa isso? Porque os dados que ele fornece são muito poucos, até cheguei a entrar em contato com o Cuti, que fez a entrevista, e o Cuti em uma conversa, em um artigo que estava escrevendo com Correia Leite, que era para o livro, disse que tinha algo em torno de mais de 900 laudas escritas dessa entrevista transcrita, não sei se tudo entrou no livro quando foi passado para a edição, até entrei em contato com o Cuti mas a conversa não prosperou para ver mais detalhes disso, mas talvez possa ter informação lá. Acho que o Cuti não ia omitir isso no livro, mas como é que a gente acessa esses caras? Como é que dá concretude acessa a essa Diáspora que já está acontecendo ou se vocês não quiserem chamar de Diáspora, dessa solidariedade internacional, dessa percepção do Negro em São Paulo.

Dener Santos Silveira: Ou a ideia da circulação de ideias que já acontecia nesse momento

Mario Augusto Medeiros da Silva – Exato, exato. Perfeito. Dessa circulação de ideias e de perceber uma solidariedade internacional, São Paulo, Estados Unidos, Caribe, movimento “Volta para a África” basicamente disso que o Garvey está falando, ou uma solidariedade de empoderamento, de associações negras, que é o que está no horizonte do Garvey, com a Bahia



com São Paulo e publicar isso, há uma precariedade das fontes. Para rastrear quem são os sujeitos o que eles estão lendo, como é que eles têm acesso a isso...talvez tentar fazer algo...

Dener Santos Silveira: De todo modo já abre uma possibilidade para a pesquisa.

Mario Augusto Medeiros da Silva: Enorme, enorme, abre uma possibilidade de pesquisa

Dener Santos Silveira: Aí talvez o que você está mostrando é um problema das fontes, conseguir dar concretude, porque a circulação, a hipótese é essa, está dada que ela existe, a circulação de ideias que está acontecendo nesse momento, mesmo antes de se trabalhar com o esse conceito de Diáspora de forma bem concreta e acho que abre um rol de pesquisa nesse sentido

Mario Augusto Medeiros da Silva: Sim, sim, sim. Mas isso sempre me preocupa, principalmente porque a gente está falando de circulação de ideias, acho que não basta enunciar, a pista está lá, a pista está no depoimento do Correia Leite, outros pesquisadores antes de mim já viram isso, alguns deram maior ênfase a isso outros não, eu achei essa pista interessantíssima. E que dá uma margem para pensar, que se então um conjunto de intelectuais negros que já de alguma forma nutre ou tem um conhecimento, ou tem um interesse em articular um diálogo internacional, e não se trata de um, se for para ser rigoroso com o momento em que os conceitos são enunciados, não se trata de diáspora, ninguém está falando em diáspora enquanto termo conceitual, mas é diáspora que está acontecendo, e de novo como a Associação Cultural do Negro se tornou uma grande questão para mim, e isso me permite pensar que não é estranho ver o Geraldo Campos então, ou os membros do núcleo duro da associação, que são essas pessoas que tiveram experiências já nas décadas de 1920 e 1930 com a impressão negra, com diferentes forma de associativismo, com uma literatura internacional no caso do mundo negro, ou com, de novo, negros caribenhos, negros estrangeiros, melhor dizendo, em São Paulo, que também é mencionado no depoimento do Correia Leite, tinha o tal do mister Geertz, que é um cara de Trinidad Tobago, Joe Geertz, ou Gittens, o Flávio, me fugiu o nome do pesquisador, já vai voltar, teve um pesquisador que conseguiu rastrear essa figura que é mencionada no depoimento do Correia Leite e é um cara que tem a intensão de criar uma biblioteca em São Paulo voltada exclusivamente para o negro e o cara é também do Caribe. Então já tem uma ligação, já na década de 1920, que não está no estranho, muito insólito, o fato de na década de 1950, se ter um professor, precisa ver professor do que, qual é a trajetória do Geraldo Campos, onde ele se forma, se ele é alguém semelhante, de repente ao Arlindo Veiga. Enfim, que tem o domínio de outras línguas, que tem uma formação intelectual mais sólida, indo para um congresso internacional de escritores e artistas negros. E isso também torna menos insólito também o fato de você ter o secretário da revista “Presença Africana”, quatro anos depois, mandando uma carta para a associação cultural do negro dizendo que queria criar uma aliança com a associação aqui em São Paulo. Uma sociedade de amigos da “Presença Africana”. Você tem lá o Diop, de novo no arquivo de São Carlos no arquivo da UEIM mandando uma carta dizendo: “Olha, você sabe quem nossos somos, nós somos da Presença Africana... A gente está querendo criar uma articulação de solidariedade internacional, acho que até transcrevi essa carta no livro, e a agente acha que a Associação Cultural do Negro é um parceiro um bom interlocutor”. Pô! 1960, mas o cara foi em 1959 será que o cara fez contatos? Ai é um exercício de imaginação sociológica. Eu estou apontando coisas, se isso vai dar em algo ou vai dar em água eu não sei, mas não é estranho, assim como também não fica estranho, de novo com a entrevista com o Osvaldo, isso a gente está falando então 1920 conexão com Estados Unidos e com Caribe, em 1959 conexão com a francofonia, e com ideia

difusa de negritude, uma ideia mais concreta de negritude, mas África, também está contado em função do arquivo da ACN, na entrevista do arquivo de vocês da UFSCar, uma circulação de militantes africanos de Angola ou Moçambique que é uma coisa conhecida, uma coisa melhor conhecida essa articulação internacional depois do trabalho do Jerry Dávila “*Hotel Trópico*”, mas de algo que ficou mais claro para mim algo quando o Osvaldo de Camargo dizia para mim: “*Eu não conhecia a África antes de tomar contato com um cara chamava Paulo Matoso*”. Quem é Paulo Matoso? Paulo Matoso está fazendo o que aqui em São Paulo? “ah, Esse cara trouxe livros da Noêmia Souza Abranches”. Que é uma poetiza da libertação moçambicana, “*ah e trouxe uma bibliografia sobre o que estava acontecendo em termos de lutas de libertação*”. Ele, aí você pega o livro do Eduardo de Oliveira, não o Eduardo de Oliveira e Oliveira, mas o poeta Eduardo Ferreira de Oliveira, *O banzo*, o livro *O banzo*, quem faz a revisão do livro? Paulo dos Santos Matoso, aí você vai procurar quem é Paulo dos Santos Matoso é só um representante do MPLA no Brasil. só. Um dos caras que é citado como sendo dos um dos angolanos que vai aparecer nos inquéritos policial militar e desaparece depois de 1964. Esse cara está circulando no São Paulo e Rio e tem ligação com gente da Associação Cultural do Negro, está apresentando África ou algumas ideias sobre África, literatura africana contemporânea para intelectuais brasileiros negros e agora eu estou trabalhando, vou ver se termino, me organizo num artigo sobre o Paulo Matoso, porque está sendo possível mapear através da imprensa, não da imprensa negra mas da imprensa mais ampla, esse cara está fazendo propaganda sobre a doutrina de libertação de Angola em 1960 aqui, aliás 1962-1963 ele é um dos caras que vem no acordo que o Jânio faz em 1962. O trabalho de Jerry Dávila dá concretude a isso em 1962 é criado o centro de estudos afro-asiáticos, depois vai ser mais tarde o Centro de Estudos Afro-Asiáticos do Candido Mendes. Mas o Jânio Quadros faz uma política de aproximação com o continente Africano, parte dessa política é concessão de bolsa para estudantes africanos virem para Bahia, São Paulo e Rio de Janeiro, só que nessa brincadeira vem militantes políticos, como Paulo Matoso, para São Paulo ou gente que vai ter contato, com o Cândido Mendes, e aquele intelectual que acabou de falecer José Nunes Pereira no Rio, que também gente que tinha contato com africanos, o José Nunes Pereira e o Fernando Mourão da USP, na casa de estudantes do império, nada disso deveria ser muito estranho para a gente, porque ninguém está falando de diáspora porque não é um termo do tempo, mas existe uma solidariedade internacional entre intelectuais negros não negros e africanos e não-negros e negros brasileiros, enfim, que se a gente ficar aqui entre 1920 e 1960 são quarenta anos de diálogo. Digamos que as coisas não aconteceram somente a partir de 1978, com a criação do *Movimento Negro Unificado*, tem muita coisa que acontece antes. O que eu penso, é a ideia, eu não uso nenhum momento a palavra de diáspora, no livro ou na tese, se eu uso não é com o devido rigor mas existe uma circulação de ideias, existe uma solidariedade internacional, uma aproximação de temas que eu posso não conseguir evidenciar de maneira mais concreta, mas eu não posso ignorar que ela exista. Uma pena muitas vezes que o arquivo não permita algo mais, ou de repente permite e a gente não descobriu, o arquivo da ACN é riquíssimo, talvez o arquivo da “*Presença África*” em Paris, eu não fui para lá, pode ter coisas mais interessantes, o arquivo do Garvey ou a documentação referente ao “*movimento volta para a África*” ou ao mundo negro do Garvey pode ter correspondências, eu não sei, eu não visitei isso, isso abre uma agenda de pesquisa muito interessante. Para outras pessoas que possam vir a trabalhar com isso.

Dener Santos Silveira: Você falou sobre Paulo Matoso, me veio a ideia sobre a pesquisa de um de nossos amigos, sobre a formação do Estado Nacional, pós processo de libertação, pós processo de descolonização e essas lutas, pensar nesse caso, seria muito interessante, se tem essa influência, essa circulação de ideias na década de 1960 e 1970, como é que era feito isso, qual a relação desse estado nacional, Moçambique e o Paulo Matoso e realidade Brasileira, mas aí é outra questão.



Mario Augusto Medeiros da Silva: Mas a gente tem uma agenda de pesquisa muito grande para quem se interessa sobre isso, porque, de certa maneira, eu estou sugerindo que se consiga mapear aspectos concretos de uma diáspora intelectual, uma solidariedade intelectual, entre negros, Africanos, entre esse “mundo negro” se se quiser chamar assim, antes da ideia de diáspora ser propriamente enunciada dessa forma, mas a gente acho que já falei demais.

Dener Santos Silveira: Não imagina, fica com a vontade de fazer perguntas demais e a gente vem com um roteiro para seguir.

José Ricardo Marques dos Santos: Outra coisa que temos discutido em São Carlos é o livro “A integração do Negro na Sociedades de Classes” do Florestan Fernandes ter feito 50 anos, é um marco na sociologia, mas também na história da sociologia das relações raciais, em função do impacto, na forma como foi publicado. E ao mesmo tempo ele é contemporâneo disso que a gente está discutindo agora, ele apresenta uma visão sobre esse momento, particular na forma como Florestan pensou, mesmo passando esse tempo a gente tem a impressão que ele deixa algumas possibilidades abertas, em função dessa nova discussão que existe sobre Diáspora, em função das fontes que o Florestan apresentou, ele apresenta uma coleção de dados durante o livro inteiro, algumas coisas ele coloca de acordo com o interesse dele naquele momento, nesse sentido você acha que esse livro pode ter uma releitura nesse sentido? abrir portas para pensar outras conexões, pensando a forma como ele pensou a militância, militança interna ao Brasil a circulação....

Dener Santos Silveira: Há uma atualidade ainda?

Mario Augusto Medeiros da Silva: Não tenho a menor dúvida, eu espero que isso não soe como algo pretensioso, depois vou ter que ler essa transcrição para ver se não soou, (risos), o capítulo 3 “*A descoberta do Insólito*” é uma espécie de releitura do “A Integração do Negro na Sociedade de Classes” o capítulo 3 e 4. O que estou propondo ali é, bom a gente sabe que, pelo menos a gente pensa que sabe, nos pesquisadores do pensamento social da sociologia das relações raciais, quais eram os interesses dos sociólogos em fazer pesquisa sobre o negro em São Paulo, na pesquisa UNESCO, naquela história que já bastante conhecida, a gente sabe, mas qual os interesses dos negros em participar dessa pesquisa? Assim que eu abro o capítulo, assim começa uma outra discussão. Me Parece quer dizer, ou pelo menos, basicamente, eu não quero fazer mais do mesmo falando sobre a pesquisa UNESCO, já tem O trabalho do Marco Chor Maio que é bem feita, tem as pesquisas sobre o Florestan, N pesquisas sobre o Florestan que tratam muito bem desse assunto, enfim, eu acho que tem duas coisas me chamavam a atenção, e mostra o vigor da pesquisa, mostra o vigor do livro, e quanto é possível no arquivo do Florestan ir atrás de algo novo, que eu achava que não estava devidamente respondidas, a primeira é essa pensar se era possível, pensando a contrapelo, pensar do outro lado, qual os interesses que os intelectuais negros tinham em colaborar com a pesquisa UNESCO, pois eles poderiam ter se recusado, qual os interesse de eles de colaborar com a pesquisa UNESCO de São Paulo? Segunda coisa haveria especialmente o volume dois de “*A Integração do Negro na Sociedade de Classes*”, acho que o livro todo, mas especialmente o livro dois, que trata das lutas sociais no meio negro, existira a integração do negro sem a colaboração ativa dos intelectuais negros? Não. Florestan escreve sobre as lutas sociais no meio negro calcado nas entrevistas, nas rodas de discussão que ele promove Biblioteca Mário de Andrade e da faculdade de filosofia, então é ali que surge a discussão sobre o mito da democracia racial, uma polêmica é uma coisa que...preciso dar o crédito preciso, porque é uma coisa que minha



orientadora Elide⁴ sempre apontava, que todo mundo fala que era o Florestan que denuncia o mito da democracia racial, mas o Florestan faz isso conversando com os militantes negros, então não é um Fla X Flu Florestan X Gilberto Freyre.

Dener Santos Silveira: Florestan já estava ali com a *descoberta do insólitoRisos....*

Mario Augusto Medeiros da Silva: Pô! Florestan, O Bastide, já na década de 1950, anos 1940 conversando com os militantes negros, tem coisas que parecem ser coisas bobas que não deveriam estar no livro (*A descoberta do Insólito*), porque que eu fico falando que três intelectuais negros que vão participar dos Necrológicos do Bastide em 1974, o que o Correia Leite, Jaime Aguiar e o Raul Joviano do Amaral estão fazendo uma homenagem na USP, quando o Bastide falece, tem uma mesa específica, que é o João Batista Borges que organiza, de militantes negros para o Bastide. E o que os caras estão falando? *“O cara era nosso amigo, o cara ia nas nossas casas, tomava nosso café, professor Roger Bastide ia nas nossas associações”*. Ou seja: desde a década de 1940, anos 1930-1940, tem uma ligação do Bastide com esses caras, aí você vai ver o que o Bastide está produzindo: O ensaio sobre a Imprensa negra no estado de São Paulo é ensaio sobre poesia afro-brasileira, é a discussão sobre os estudos sobre macumba em São Paulo etc etc etc. Ponto número um. Ponto dois, é o Bastide que leva o Florestan para a pesquisa da UNESCO, diz a história que sim, ok. Aí a pergunta é: Florestan entra em contato com esses caras e começa a ouvir o que? Pergunta: ele começa a ouvir o que? Racismo, *“a gente não pode entrar em qualquer salão de barbearia”, “a gente não pode entrar em um hotel”, “rua direita a noite não pode ser porque é rua de negro”, “tem um secretário de polícia que manda bater” - Mito da democracia racial*. Já em *“Branços e Negros em São Paulo”*, aparece como a luta contra o preconceito de cor, aí você vai ver que as bases são basicamente transcrição de entrevista e jornais da imprensa negra, que ele e Bastide já haviam tido acesso, e a *“Integração Do Negro na Sociedade de Classes”* é calcado especialmente no segundo volume nas discussões com o movimento negro, associativismo negro, do seu tempo. Perguntar sobre o que esses caras estão querendo é uma forma de reler o livro e que eu acho, pelo menos é isso que eu tinha em mente, que era um caminho que não havia sido muito trilhado, muito afundo por outros pesquisadores antes de mim, é mencionado, não é inédito a coisa de mencionar a ligação. Fica, a frase geralmente termina por aí: *“eles tinham ligação com”*; Mas não é ligação com qualquer um ligação com qualquer sujeito, qualquer associação, o tamanho dessa ligação dá em uma ou duas obras clássicas da sociologia. Dá em pelo menos um artigo clássico do Roger Bastide sobre Imprensa negra, inaugura toda uma discussão sobre imprensa negra no Estado de São Paulo que depois vão ter outras pessoas, é necessário perguntar o ângulo do outro, o ângulo do associativismo, do intelectual, é necessário qualificar essas pessoas como intelectuais negros, porque isso também é uma dificuldade da bibliografia, que esses sujeitos sejam chamados de intelectuais negros. Ou seja: que estejam do mesmo nível de interlocução com os intelectuais das ciências sociais – brancos. Acho que foi algo que tentei, procurei fazer. A outra coisa é que 50 anos depois ainda informa a gente, e aí acompanhado uma discussão que é do pensamento social que está no Gabriel Cohn, a própria Héliide menciona, é algo que eu aponto no livro com menor intensidade, que essa primeira coisa, é a história que o *“Integração Do Negro na Sociedade de Classes”* é tudo menos um livro sobre o negro. Seria um título assertivo, está lá no trabalho do Gabriel Cohn, um artigo que ele escreve para *“Banquete nos trópicos”*, que o Florestan dava títulos assertivos para dizer justamente o que não estava acontecendo, não é um livro propriamente sobre a ideia de integração mas como ela não acontece na perspectiva do século vinte, do ângulo dos seus interlocutores negros, e anteriormente na perspectiva

⁴ Elide Rugai Bastos, Professora do departamento de Sociologia da UNICAMP.



de uma sociologia mais histórica. Agora se ele não é livro sobre o negro ele é um livro sobre o que? Se ele não é um livro sobre a integração do negro propriamente dito, se ele não é um livro exclusivamente sobre a questão racial, ele é um livro sobre o que também? O final meio que enigmático do “*Integração Do Negro na Sociedade de Classes*”, “[...] *O negro se converteu na pedra de toque da nossa forja da civilização moderna* [...]” é um livro sobre democracia, um livro sobre os limites da democracia., da não realização da democracia brasileira. Se a gente faz isso com esses caras que são os elos mais fracos da corrente, uma sociedade que estava alicerçada nos princípios republicanos de liberdade, igualdade e fraternidade... mas que não aconteceu nada disso na virada para o século XIX para o XX, esses caras estão passando metade do século XX não sendo iguais, não tendo todos os seus direitos plenamente realizados, denunciam a discriminação, preconceito, cotidianamente, fraternidade zero, ou perto de zero, logo, nós não nos realizamos como uma sociedade republicana, cidadã e democrática, a zica é que Florestan defende isso em março de 1964, dez dias antes do ato institucional número um, nada mais atual no momento que ele defende essa tese, que ele defenda dez dias antes do ato institucional número um, e 50 anos depois quando estamos fazendo o balanço sobre o golpe de Estado Civil-Militar, o Golpe de 1964, cabe a pergunta: se você angular a discussão pelo grupo social negro, a gente se realizou para valer com uma sociedade democrática? Ou, como um problema contemporâneo, se abrir para os grupos subalternos ou subalternizados, indígenas, negros, gays, enfim, as questões quentes do nosso cotidiano, pegando a hipótese do autor, se esse grupo que é o mais fragilizado da corrente, teve esse ponto de partida e esse desenvolvimento e isso coloca um impedimento na realização democrática, se a gente fizer um exercício de reflexão, com o procedimento metodológico, a gente se realizou como plenamente democraticamente? Eu creio que não. Então a gente continua tendo 50 anos depois com um problema de cidadania, de realização republicana, de democracia pra valer, que era meramente um enunciado formal e não uma realização concreta então o livro é extremamente atual por esses dois ângulos fornece respostas ou abre para mais perguntas intensas.

Dener Santos Silveira: Vou tentar dar uma juntada nas questões. Vamos falar mais da obra agora, descreva, classifique o que você chamou de *insólito* e dupla negação, que você trabalha. A ideia de negra aquilo que foi negado.

Mario Augusto Medeiros da Silva: A negação da negação.

Mario Augusto Medeiros da Silva: Começando pelo título, o título do livro ele é meio que uma cópia do “*A descoberta do Frio*” do Osvaldo de Camargo. Que é a novela, do Osvaldo de Camargo sobre preconceito, uma alegoria sobre o preconceito racial em São Paulo. Nunca falei isso, estou falando pela primeira vez na entrevista. Risos.... E nem escrevi sobre isso! Mas é de certa maneira, quando estava pensando em título eu havia lido “*A descoberta do Frio*” que é um livro de 1979, do Osvaldo, e... pô! interessante... e copiei, que fique gravado....copiei....risos.

Dener Santos Silveira, Erick Borba: Risos.....

José Ricardo Marques dos Santos: Homenageou. Risos...

Mario Augusto Medeiros da Silva: A segunda coisa, *Risos...* a ideia de insólito, o estranho, o inesperado o esquisito...tal... a pesquisa, falei isso várias vezes, falei em São Carlos, menciono isso no livro, ela nasce do contemporâneo e vai cada vez mais para o passado, então quando eu pensei no projeto, a minha preocupação não era especificamente com a década de 1940 do movimento negro, estava preocupado em entender porque Carolina de Jesus e Paulo



Lins eram tratados da mesma forma em um espaço de 40 anos, dois negros, dois favelados, pobres, que escreveram obras de grande impacto em seu momento, e eram vistos como seres estranhos no sistema literário brasileiro, pode o favelado escrever “*Quarto de Despejo*”? Pode um favelado escrever uma obra como “*Cidade de Deus*”? A mesma coisa acontece com o Ferrez com o “*Capão Pecado*”, então essa pergunta sobre o pode, o é estranho, “*puta mas o lugar de onde esse cara veio...tal*” então a ideia de insólito vem daí, o estranho o esquisito...se quiser...ai também é demais... o Osvaldo tem um livro chamado de “*O Estranho*”, Risos... aí é sacanagem ...Risos... fica com a “*A Descoberta do Frio*”, está bom demais! Mas outros nomes para insólito, são...o esquisito, o fora do comum.

Dener Santos Silveira: A princípio quando você pega o livro “*A descoberta do Insólito*” ele gera uma ambiguidade, como estivesse surgindo algo que é insólito, mas não necessariamente aquilo que nasce se fosse o novo? Aquilo que nasce dessa dupla negação?

Mario Augusto Medeiros da Silva: é

Dener Santos Silveira: Novo em um contexto, uma segunda questão, há circunstâncias histórias para haja essa emancipação? A gente está falando de Paulo Lins, de um espaço de tempo relativamente grande, mas que é tratado da mesma maneira, há momentos substanciais na história em que você pode dizer que há esse momento desse surgimento do insólito? Há momentos em que ele pode acontecer ou ele é... como funciona essa questão?

Mario Augusto Medeiros da Silva: Olha, vamos por partes. A ideia de *Negação da Negação* é uma tentativa de demonstrar o seguinte, esses sujeitos, esses intelectuais, com coletivos as vezes com experiências individuais, eles negam o negativo para propor algo positivo no final, nega tudo aquilo que é negativo para você, você ser negro, pobre, favelado, discriminado ... e apesar de tudo isso, num esforço coletivo, cultural, político, individual você nega tudo aquilo que é estigma e afirma a passagem do escravo ao cidadão, afirma a passagem do personagem estereotipado para autor, afirma a organização política, afirma uma série de ideias sobre o mundo, do ângulo da literatura, do ângulo da organização política, enfim, tudo aquilo que tudo que é era negado como uma possibilidade vira, algo como projeto político, projeto cultural, algo absolutamente positivado, no sentido de afirmado, no sentido de realizado, ou pelo menos tentado, é nesse sentido que eu penso a ideia de negação da negação, seja enquanto projeto coletivo, ai é história do associativismo, a história do associativismo político e cultural negro é muito interessante. Estou sempre me restringindo a essa dimensão de política de organização política, em relação a dimensão da cultura em relação a samba, cordões carnavalescos melhor dizendo, cordões carnavalescos imprensa negra, literatura negra, teatro negro, não estou falando do associativismo religioso como das irmandades, ou associativismo religioso como do candomblé, que também acho que pode ir por ai mas eu não trato disso, é... então como projeto coletivo você nega a experiência de não poder se organizar coletivamente, você se afirma coletivamente. Você faz algo. Você cria um querer coletivo, você faz algo coletivamente com isso, cria um projeto, um projeto da imprensa negra, da literatura negra, teatro negro, dos cordões carnavalescos negros, clubes sociais negros, enfim, tudo que a ordem social competitiva ...Risos... Para entrar no Florestan, está dizendo para você “ó...não dá, é atomizado, família desestruturada, você é bêbado, você não estudou”, toda negação você vai lá e...”*vou fazer algo com isso*”. Individualmente ai o bicho pega, especialmente em literatura, dos autores que eu estudei tem dois deles são pontos fora da curva e problemas teóricos concretos muito sério para o livro, e para a pesquisa sobre literatura negra. Carolina e Paulo Lins. Carolina primeiro porque ela nunca negou que ela fosse negra, digamos que a consciência

de ser negro, estar negro no mundo, consciência sobre aquilo que é negativo em ser negro, preconceito discriminação, ela denuncia rasga o verbo, tudo aquilo que é uma experiência negativa contra o pobre, contra o negro, mulher, ela afirma rasga o verbo, mas Carolina nunca diz que ela fazia literatura negra.

Dener Santos Silveira: Embora ela tivesse essa compreensão.

Mario Augusto Medeiros da Silva: Ela não participava de um projeto coletivo de literatura negra. Ela não participava ativamente, ela não estava na ACN, inclusive o pessoal da associação tentou se aproximar da Carolina e deu água, deu zica. E o Paulo Lins nunca negou que fosse negro, fosse pobre, tivesse uma origem favelada, a experiência da discriminação etc. a participação em grupos de solidariedade negra, escolas de samba... mas esse cara teve uma embate sério com o Cuti, no museu Afro-Brasil, com Marcio Barbosa, *“Não quero saber dos cadernos negros, não quero saber da ideia de literatura, eu sou um escritor negro, que não faz literatura negra, eu faço literatura meu dialogo é com Nietzsche, Dostoiévski e tal”*. Está lá no livro, bom ao mesmo tempo isso precisa ser matizado, está lá a Carolina na capa do Níger, dialogando com o José Correia Leite, está lá nas memórias, tem uma aproximação e tal, e está dizendo coisas até coisas mais radicais que o associativismo negro de sua época diria sobre o negro, rasgando verbo, não está falando de democracia racial, *“sou pobre, sou preta, sou discriminada por tudo isso, meu corpo, a fome sou objeto do lixo de São Paulo”*, enquanto programa o estatuto da associação diz lutar por todos os negros, marginalizados, uma coisa muito genérica, *“eu sou a negra marginalizada ferrada que vocês querem, eu estou dizendo na cara do governador que vocês querem chamar para conversar que eu faço parte do quarto de despejo da cidade, do lixo da cidade”*. O Paulo Lins, tem uma negação do projeto de literatura negra, que ele não se vê, embora ele dialogue, ele foi convidado para um debate no museu Afro-Brasil, estava cheio de militante negro lá, africanista, blábláblá e ele veio. Ele conversou com a Ruth Guimarães, conversou com o Osvaldo, com o pessoal dos cadernos, e também Paulo Lins não entra em grupo nenhum, também não está no pessoal da literatura marginal periférica, embora participe do primeiro ato da literatura marginal, do Ferrez coisa e tal. Então acho que tem um diálogo tenso com esses sujeitos isolados, com esses indivíduos que não pode ser negado que tem uma interlocução e torna a discussão sobre projetos coletivos mais complexas, mas são problemas de pesquisa, é possível ter escritor negro, que se afirme como negro, e não faça literatura negra? É, Paulo Lins. Ou Carolina. Ele só não participa do projeto estético e ético da literatura negra. Agora tem um esforço individual, que não é só individual, do cara ao escrever estar negando tudo aquilo que lhe foi negado, ele está negando tudo aquilo que me foi negado, que é, estou afirmando minha capacidade como criador, meu eu como potência, só que eu venho de um grupo social que antigamente era dito que eu não tinha alma, né? Que tem uma séria de ausências, de faltas de formação, e *“eu vou escrever um romance”*, que é algo que exige uma complexidade formativa, que exige tempo, que exige fabulação, e *“estou falando na literatura, não estou falando no samba, no candomblé”*, falando isso nos espaços, para usara a expressão da Lélia Gonzales, não estou falando nos lugares naturalizados para o negro, estou falando em um terreno em que o negro é no máximo personagem, personagem mal descrito, estereotipado, mal visto e tudo mais. *“Estou falando como autor”*. Então tem uma afirmação do eu, da potência do criador, da potência do escritor, de negar tudo aquilo, para ele como indivíduo, que é negado para ele sua família, seu coletivo, é negado já de partida. Então se afirma algo positivo. É nesse sentido que eu penso.

Dener Santos Silveira: Queria fazer uma pergunta sobre o tema a partir de uma fala sua: *“Pode o favelado falar?”* Essa é uma questão, porque aqui agora e em alguns momentos a expor



essa questão, que me parece ser uma questão de fundo do insólito. Ai não teria como não fazer uma relação, trazendo para algumas perspectivas e debates teóricos que a gente utiliza em São Carlos, “Pode o subalterno Falar?” da Spivak. Outro autor partindo da noção de excêntrico, como classificação do uso da música negra no mundo, qual é a relação que podemos fazer? Pois o Gilroy usa a ideia de excêntrico para falar sobre a música, você trabalha com a ideia do insólito para a literatura, e a Spivak com o “*Pode o Subalterno Falar?*” qual a relação com essas abordagens? É esse mesmo processo que você utiliza?, vai na mesma linha, é possível fazer essa relação?

Mario Augusto Medeiros da Silva: Nossa senhora, risos.....quero deixar bem claro que não paguei jabá para os caras de São Carlos risos...vocês querem me sacanear risos....pô! mês passado o Deivison defende uma tese uma tese sobre Fanon e entre os interpretes do Fanon no Brasil está o Antonio Sérgio, **eu!** Agora vem o outro e diz Paul Gilroy, Spivak, Mário Medeiros, Risos..Vocês estão loucos? Que que é isso? Risos.... Ó registra aí que eu não estou pagando jabá para a equipe do Valter Silvério. Agora falando sério, cara, eu só fui ler a Spivak depois que terminei o doutorado, não é brincadeira, o Gilroy eu havia lido, O “*Atlântico Negro*”, agora as minhas referências, uma coisa precisa ficar clara, as referências que eu tenho para fazer o doutorado, são referências bastante clássicas, assim, eu trabalhei com a Hélide, que tem uma perspectiva mais clássica sobre o pensamento social brasileiro, eu fui ler coisas sobre poscolonialismo, mais clássicas com ela ou por fora, então minhas referências de poscolonialismo, são Fanon, Césaire, albert Memmi, são coisas que eu vou ler aqui no IFCH ou vou ler na literatura, no IEL com o Marcio Seligman Silva, enfim, não tinha chegado para mim ainda a Spivak, mesmo que fosse um texto da década de 1980, não tinha lido, agora o Gilroy eu li, tinha lido Gilroy e mais ainda, tinha me impactado mais ainda a Bell Hooks, especialmente o debate sobre os intelectuais negros, especialmente o debate que ela trava e depois vai produzir com...”*O Dilema do intelectual negro*”.... Cornell West, o debate Cornell West-Bell Hooks as proposições dos dois, isso tinha me impactado mais, no momento que eu estou escrevendo a tese, assim também com o Du Bois, que é alguém que me impacta muito, que é onde também o Gilroy vai beber, a dupla consciência e tal...o dilema, a cisão do intelectual negro a dupla consciência, é uma fonte para o Gilroy, putz.... Risos...É uma fonte para o Gilroy e é uma fonte para mim, risos....risos o cara me pegou, sacanagem...risos...se for para falar em termos de influência pós-coloniais, influencias leituras pós-coloniais, tem uma coisa mais dos primórdios, muito mais clássica, não o Fanon do “*Peles Negras*”, mas do “*Os Condenados da Terra*”, esse, eu brinco com o Josué Pereira, eu e o Josué que o meu Fanon é o do “*Peles Negras*” como você é um Negro mais acirrado o seu é do “*Os Condenados da Terra*”, risos...é isso mesmo... eu adoro...risos...

José Ricardo Marques dos Santos, Dener Silveira, Erik Borba: Risos...

Dener Santos Silveira: Cada um com seus *fanonismos*...Risos...

Mario Augusto Medeiros da Silva: Risos... o Meu Fanon é o do “*Os condenados da terra*” ou o “*Em defesa da Revolução Africana*”, mas enfim, então mais os “*Condenados da Terra*”. Então: Fanon, Cesaire, Memmi, sim. Do ângulo do poscolonialismo, Desses três mais Fanon, que mergulhei mais, até mesmo porque, em função dos Cadernos Negros, em função da ACN, dessa aproximação da década de 1950 e 1960, e dos Cadernos Negros que tem lá o Márcio Barbosa, que é leitor de fanon, e que vai fazer uma discussão em certo momento sobre literatura negra, sobre e a partir de Fanon, ele tem lá o texto aspectos da literatura negra, ou influxos fanonianos, alguma coisa assim, que me levou a ler Fanon, acho que fui ler Fanon em função



do Marcio, ou já tinha lido com o Marcio Seligman Silva e voltei a ler e fiquei mais impactado a partir do Marcio Barbosa o “*Os Condenados da Terra*” e o “*Em defesa da Revolução Africana*”.

Dener Santos Silveira: é mais pós-colonial do que parece...risos...

Mario Augusto Medeiros da Silva: agora a Spivak, eu fui ler depois...

Erik Borba: O debate pós-colonial mais anglófono...

Mario Augusto Medeiros da Silva: É... eu confesso que não gostei, ai, essa coisa, a Spivak, em gostos do indianos, eu gosto do Gurrar, gosto do Chakrabarti, as vezes me da impressão, gosto do Said, que também é alguém que eu li mas não incorporo, tinha lido via literatura.

Dener Santos Silveira: Essa coisa do Pode o subalterno falar, em muitas vezes que lhe vi falar você comenta sobre, diz “pode o favelado falar”? por isso me vem essa questão.

Mario Augusto Medeiros da Silva: Mas isso é em função de uma empiria.

Dener Santos Silveira: Eu havia pensado no Du Bois, mas pensei, muito semelhante ao Gilroy Risos....

Mario Augusto Medeiros da Silva: Nãaaa...é mais em função de uma empiria do que um fluxo teórico, eu estou falando de *pode o favelado falar?*, porque você pega as matérias dos jornais contemporâneos, quando sai Capão Pecado, Quarto de despejo, Cidade de Deus e a pergunta do jornalista é: Ela mora no Canindé, pobre preta favelada, três filhos de pais diferentes, fala sobre tudo da vida menos sobre a literatura e termina “será que foi ela mesma que escreveu?”, “Será que alguém escreveu por ela”? Ai, 37 anos depois: “o cara vem lá de Cidade de Deus, flagelado preto blá, não importa se ele fez letras na UFRJ, não importa se ele era apadrinhado pelo Roberto Schwarz, não importa. O cara é preto, favelado... e “Como é que ele escreve Cidade de Deus?”. Então pensei pera ai: esses caras estão perguntando se o preto, pobre, favelado, ferrado, *condenado da terra*, risos...pode falar, se ele pode escrever se ele pode ser um romancista. A mesma coisa com Ferrez com “Capão Pecado”. Basicamente uma empiria, eu não tinha lido, de verdade, juro, não tinha lido “Pode o Subalterno Falar”, o debate inclusive pós-coloniais indianos, ou os pós-coloniais indianos que depois vão circular pela Europa, Estados unidos, Gurrar, Chakrabarti, ou Spivak, eu vou ler depois que eu termino o doutoramento. Quem eu tinha lido mesmo com interesse é a tríade clássica, Cesáire, Fanon, Memmi, Said – O Orientalismo, mas que eu não incorporo. Basicamente isso, e o Gilroy eu tinha comprado o “*Atlântico Negro*”, em certo momento da tese, que me chamou a atenção, “*pô, o Altantico Negro*”, aliás eu tinha duas amigas que haviam participado daquele curso de formação na Bahia, a Janaina Damasceno que é minha contemporânea aqui, minha colega de graduação, e a Daniela Rosa, que era orientanda da Héliide, que fez a tese/dissertação de mestrado sobre o teatro experimental do Negro, as duas foram para o curso de formação, as duas foram no curso lá, e as duas foram quando o Gilroy estava aqui no Brasil. Eu não lembro mais que isso. Ele veio para o curso do Livio Sansone. Vocês têm como recuperar isso.

Dener Santos Silveira: Foi em 1998

Mario Augusto Medeiros da Silva: não, dois mil e pouco.



Dener Santos Silveira: Foi 2001 que saiu o livro? ele até comenta de quando ele estava aqui. No prefacio a edição brasileira.

Erik Borba: Vem o Valter Minholo.

Mario Augusto Medeiros da Silva: Nãoooo, não, não, ele já havia vindo ao Brasil e ele vem especificamente para o curso do Livio Sansone. Enfim, como chama o tal do curso? As duas participaram disso, eu me lembro que a gente tinha que ler o livro alucinadamente para poder fazer pergunta. “Pô, que história é essa de *Atlântico Negro*?” “*O livro do cara é foda!*”...Por que? porque está falando sobre Du Bois, está falando de dupla consciência, Richard Wright, eu tinha lido Richard Wright, eu tinha lido “*O Filho Nativo*”. *Pô, tem um cara que fala do Filho nativo*. Foi um romance que me impactou.

Dener Santos Silveira: O cara lê o que os caras leram...risos....

Mario Augusto Medeiros da Silva: Nãoooo, foi um romance que me impactou, foi um romance que eu fiquei muito muito muito.... cara aí você vai começando a viajar...por que eu fui ler o Richard Wright? Eu tive aqui um grande amigo, que era funcionário da UNICAMP, que a gente falava muito de Literatura – Mário Martins Machado de lima – ele era o porteiro ... eu gosto muito de ler um escritor negro estadunidense de romance policial contemporâneo do Richard Wright chamado Chester Himes, não sei se vocês já ouviram falar, Chester Himes, conheci por conta do meu irmão, um dia me dá um livro chamado “*Um Homem em Fuga*”, é a história de um homem em fuga que está sofrendo opressão policial, bom, na década de 1950, um romance policial de um romancista negro, ai fui procurar, Chester Himes é a muito traduzido na década de 1980 pela editora brasileira, vai aparecer “*A Travessura de Casper Holmes*” vai aparecer o “*Harlem é escuro*”, são todos romances policiais mas é traduzido desde a década de 1960. Ai um belo de um dia, eu estou conversando com o Mario, “*acabei de ler um livro que vai ser interessante para você, você gosta de escritor negro, gosta de jazz literatura negra...*” ele me deu um trabalho chamado “*A margem Esquerda*”, empresta o livro, deixa ver se eu consigo achar o autor, que é basicamente sobre os párias do mundo que vão se encontrar em Paris, no pós-guerra, párias do mundo é...italiano escocês, polonês, um bando de intelectual que vai ver Paris como um lugar que é possível ser gente, grande parte desses párias, grande parte do livro é sobre intelectuais negros estadunidenses que se auto exilam no pós-guerra, para ficar em Paris para ficar com o grupo existencialista do Jean-Paul Sartre da Simone de Beauvoir e Boris Vian, não é gratuito que aqui no livro⁵, é de um historiador, quem são esses negros? Bom, passado a guerra, ex-combatentes, guerrearam na Europa voltaram para os Estados Unidos e continuaram a sobre discriminação da pesada, e alguns intelectuais negros se exilam, quem se exila? Ou quem tem uma passagem por Paris? Miles Daves, Chester Himes, Richard Wright, James Baldwin, enfim, uma intelectualidade negra de primeira linha. E o Mário disse “*Você não gosta de existencialismo? Não gosta do Sartre?*”, “*pô, adoro Sartre*” – Sartre leitor de Fanon – “*ah, você não gosta de jazz? esse cara aqui está chamado Boris Vian, que adorava jazz, que adorava literatura negra estadunidense, que vai copiar o romance policial negro violento da sua época vai copiar o Chester Himes e Richard Wright*”, eu tinha acabado de ler o Richard Wright, eu havia comentado com o Mário, “*Filho Nativo é um romance do caralho.. que não sei o que...blábláblá*” e ele me passa. Bom, foi por isso que eu li o Wright, fiquei impactado tal.... ai quando as meninas foram para o curso de formação na Bahia elas voltam e dizem: tem uma cara, Gilroy, britânico que está falando sobre Diáspora, articulação internacional, dupla

⁵ A Descoberta do Insólito.



consciência, o intelectual negro, está falando de Richard Wright, “*putz o cara está falando sobre tudo isso e ainda está falando de Richard Wright? Ok. Vou ler*”. Adorei, a discussão do Atlântico Negro e especialmente o debate sobre a dupla consciência, aí falei, mas a dupla consciência eu já tinha lido sobre isso no Du Bois “*As Almas da Gente Negra*” taltaltal, o primeiro capítulo é sobre o Douglas né? O segundo capítulo...enfim um é especificamente sobre o Du Bois, e o terceiro ou quarto capítulo é específico sobre o Richard Wright, tinha lido o Gilroy e a discussão sobre o que é o intelectuais negro é uma a discussão que estava pegando na época porque era uma conversa que eu tinha com a Héliide, dizia “Héliide...eu preciso de um especialista sobre intelectuais.....”

Erik Borba: James Campbell

Mario Augusto Medeiros da Silva: James Campbell, esse livro é belíssimo. Belíssimo mesmo, basicamente sobre o exílio dos intelectuais negros no pós-guerra em Paris em contato com os existencialistas do grupo sartriano, eles encaram a possibilidade de ser gente, é falado isso. E especialmente os embates que vão ter, o debate entre Richard Wright e James Baldwin que é basicamente sobre o que é ser um intelectual negro, Wright estava ainda muito próximo do partido comunista estava se desligando como acontece no “*Filho Nativo*”, as críticas ao partido comunista americano, que não encara a questão racial para valer. Mas ele diz “ó, escritor, intelectual negro tem que ter um projeto uma postura, etc.: ele tem que falar sobre coisas específicas do mundo negro”, o James Baldwin é um negro intelectual que está fazendo uma literatura negra defensor dos direitos civil com temática homoafetiva, homoerótica, homossexual em seus trabalhos e cria uma cisão aí, um debate muito interessante. Mas voltando, o que me interessava para valer no Gilroy, o que me interessava para valer no Du Bois e que me interessava tentar apreender o debate, depois vai me aparecer de maneira mais clara na conversa West e Bell Hooks, o que é intelectual negro? O que que é isso? Porque a Héliide me respondia o que é o intelectual com a perspectiva clássica o debate clássico, Mannheim, Gramsci, Sartre, que é importante, que é onde alguns desses autores vão beber da fonte inclusive. Gramsci vai dar para os subalternos, Sartre vai dar para Fanon, etc. Mannheim vai organizar o debate sobre *intelligentsia*. Mas falei, bom mas tem uma especificidade no intelectual negro? Quem fala sobre isso? Isso está no Du Bois, dupla consciência, a cisão, isso está no Gilroy, as experiências de ser um intelectual negro, isso está na Bell Hooks e Cornell West isso está na experiência concreta de debate de intelectuais negros – Wright/Baldwin, isso está no Fanon, Racismo e Cultura, as tarefas do intelectual no contexto pós-colonial.

Erik Borba: *Sobre a Questão Nacional*

Mario Augusto Medeiros da Silva: Esse texto do Fanon... é uma coisa brilhante, brilhante que eu também acho subaproveitado, sobre a questão nacional e ali tem um de bate sobre qual é a tarefa do intelectual colonizado pós-colonial, qual a tarefa do homem de cultura, como é que você inventa de fato o homem novo, essas são minhas leituras de uma discussão pós-colonial mais clássica, o que me incomodava na Spivak e eu achava uma coisa muito alá Derrida que foi o orientador dela... coisa chata! Risos...

José Ricardo Marques dos Santos/Dener Silveira/Erik Borba: Risos...

Mario Augusto Medeiros da Silva: Coisa chata de desconstrucionismo, que eu não entendia muito bem, em termos de projeto político que isso dá exatamente? Por que esses caras aqui estão brigando para se afirmar como humanos, então você esta me dizendo que



tem desconstruir tudo isso? de repente, isso não me dizia nada, posteriormente não me dizer nada também, até hoje não me diz muita coisa, dos Subalternos, do grupo dos Subalternos, que eu li depois de fechada a tese, o Chakrabarti me diz muito mais, o Gurrar me diz muito mais, um projeto enquanto intelectual, tal... os subalternos latino americanos eu fui ler depois ainda, Minholo, Kirrano, então não é uma leitura contemporânea da tese, vai ser uma leitura contemporânea do momento pós tese e como professor da UNICAMP como projeto de pesquisa de leitura tal..... Minhas referências são outras.

Erik Borba: Durante o Curso da entrevista uma coisa que saltou, para poder caminhar para o fim da entrevista, sobre o que você chama no livro de sociologia das lacunas, me parece que durante a entrevista você dava sinais dessa sociologia da lacuna, queria que você falasse mais sobre isso, sobre o que você entende por isso. Ao mesmo tempo, são duas perguntas em uma, a segunda mais complicada, se você vê a possibilidade de ver essa sociologia das lacunas com os ingressos dos estudantes negros nas universidades brasileiras e se existe sinais de mudança da sociologia, mudança na agenda da sociologia brasileira para a sociologia das lacunas, ao olhar esses processos teóricos, intelectuais e sociais a partir das margens.

Mario Augusto Medeiros da Silva: Olha a ideia de lacuna, ela já deu muito pano para manga e muita briga, não exatamente na época do doutorado mas depois que o livro saiu, eu participei de um debate, quem uma cara disse *“eu odeio essa ideia de ausência de lacuna, que sempre falta alguma coisa, e não tem nada demais nisso”*. Bom, não é bem assim né, a história aqui é outra. A lacuna é uma produção social, isso eu não tenho a menor dúvida, quando a gente está dizendo, perguntando por que pouco se fez a pergunta a contrapelo: Qual o interesse dos intelectuais negros em participar na pesquisa UNESCO? Durante muito tempo esses caras estiveram vivos bastava ir lá e perguntar, a gente tem uma problema muito sério de fontes, para pesquisa sobre o negro curiosamente no século XX, XIX e XX cada vez mais estou convencido que a história, a história social vem fazendo um trabalho fantástico, de, embora não apresente recorrências mas especificidades mas que coisas existem, que não é estranho encontrar grupos de solidariedade negra, no Rio de Janeiro, de homens livres, libertos, como é que Paula Brito é possível? Como é que o Machado de Assis é possível? Como é possível uma imprensa negra ainda no século XIX? o que vem disso, o que sobre disso? um exemplar de jornal, uma folha, um nome perdido, porque a gente perde tanta informação quando se trata do grupo negro? essa é a parte da questão da lacuna, porque tem tanta falta? Por que é tão difícil fazer pesquisa? Por que falta tanta entrevista? Salvo a entrevista do José Correia Leite quantas outras mais quantas entrevistas mais, quantas entrevistas de folego, de longa duração com intelectual negro, no século XX, publicada tem em livro? e teve um monte, o Abdias ganha duma ou duas biografias só depois de morto, ou muito perto do fim da vida, Correia Leite ganha a sua biografia entre aspas perto do fim da vida, ele não viu o livro publicado, salvo engano, morreu em 1989 e o livro é de 1992, a imprensa negra você tem fragmentos aqui acolá, blábláblá, tem uma construção social da lacuna, é para colocar o dedo na ferida mesmo, uma construção social que é feita por pesquisador, que some com material de pesquisa, que não faz entrevista quando é possível, *“ah mas tem uma dificuldade no meio técnico”*. Ok, respeito, tem uma dificuldade, não tem gravador digital, não tem gravador de fita k-7, mas você pode transcrever, da um trampo estenografa, a própria pesquisa do Florestan ele fala, no prefácio, *“pedi para fazer taquigrafia das seções e se perderam não sei quantas”*, se perderam mais da metade da conversa taquigrafada, estenografada, como assim!? Não é possível que o preto de tanto azar nesse mundo! Risos...

José Ricardo Marques dos Santos/Dener Silveira/Erik Borba: Risos...



Mario Augusto Medeiros da Silva: Sério mesmo!?!? Risos...Ai o que me levou a pensar nessa ideia de lacuna, além dessas dificuldades, de efetivamente dar conta de trajetória de existência, blábláblá... Eu estou estudando literatura negra, não é de hoje que o negro aparece na literatura – como personagem. Mas também não é de hoje que o negro aparece na literatura brasileira como autor. Então vamos fazer um exercício, está cheio de dicionário sobre história da literatura brasileira, existem alguns dicionários da literatura brasileira, vamos ver como o negro aparece, se tem um verbete sobre QuilomboHoje, Marcio Barbosa, Cuti, Paulo Lins, os caras que eu estudo. Fui até o IEL, até a biblioteca Mário de Andrade, pego dicionário de literatura brasileira, procuro o verbete literatura negra, não tem. Não tem!

Erik Borba: Ai começa a procurar os autores.

Mario Augusto Medeiros da Silva: Tá bom, não é consensual a ideia de literatura negra, dos dicionários mais recentes de 2001, vamos pegar os autores, eu comecei com um dicionário de 1954, o que que já existia em 1954? eu tinha feito uma tabela com desde 1900, de autores auto referenciados negros que tinham publicado obras no Brasil, desde 1900, com base no levantamento do Bastide, do levantamento de Zilá Bern, uma galera que já havia trabalhado com a ideia de literatura negra ou negros na literatura brasileira, eu havia feito uma tabela de três quatro páginas desde 1900, peguei um dicionário de 1954, quem já tinha publicado? Lino Guedes, um exemplo raro de escritor negro, auto referenciado negro, que fala como autor negro, que diz que está fazendo uma poesia negra, que escreve um livro em 1927 chamado “*O canto do Cisne Preto*”, que era amigo do Mário de Andrade. Enfim, “*O canto do Cisne Preto*”, o outro livro se chama “*Black*”, mais preto que isso não sei, Risos... “*O canto do Cisne Preto*” 1927, estou pegando um dicionário de 1954, aparece pontualmente uma ou duas linhas no dicionário. Ruth Guimarães, havia publicado o romance “*Água Funda*” Romance de 1946, no dicionário de 1954 ela aparece? Pontualmente, muito pontualmente. Bom, tá, vai caminhando... dicionário de 1968 ou 1969, coisa assim. Quem é que havia publicado no dicionário de 1968/69? Osvaldo de Camargo, Carlos Assunção já havia publicado, Carolina Maria de Jesus já tinha publicado. Bom, então tá, Carlos Assunção tinha feito “*O Protesto*”...tudo bem... menos conhecido não vou dar tanta importância assim, não estava publicado, mas o Osvaldo já tinha feito “*15 poemas negros*”, “*ah mas foi uma publicação da Associação Cultural do Negro*”, uma coisa endógena tal... a Carolina Maria de Jesus tinha lançando 1960 “*Quarto de despejo*”, três idiomas, best seller, bombou, encheram a burra de dinheiro com o trabalho dela, todo mundo comentou. Então tem que estar no dicionário de 1968 e 1969. Em um está, mas como é que ela está? “*Mulher, preta, favelada, mãe solteira de três filhos, andou flertando com um chileno...*” Fala sobre tudo menos sobre literatura velho! Está lá! No outro aparece uma linha.

Erik Borba: Para não falar dos erros biográficos.

Mario Augusto Medeiros da Silva: Para não chegar nisso, mas vou chegar...vamos lá! Dicionário anos 1980, 1990, 2000. Quem é que já publicou em 2001 no ultimo dicionário? Nos anos 1980 já tinha os “*Cadernos Negros*”, ano 2000 já tinha Paulo Lins em 1997, e um conjunto de escritores e autores ta...as informações quando aparecem são telegráficas, não fazem menção a projetos coletivos, que supostamente esses autores teriam participado, projetos de literatura negra, quer dizer que não existe literatura negra no Brasil, Lino Guedes está tranquilo, mas nenhuma menção, Osvaldo Camargo que diz que faz literatura negra que pertence a Associação Cultural do Negro, quando aparece informação nada disso é afirmado sobre ele, as informações são ruins, as informações sobre as histórias de vida desses caras são péssimas! O que que me importa saber se ela estava pegando um cara no Chile ou não?



Se ela é a autora de “*Quarto de Despejo*”, não me diz nada! Aliás nem sei se dá para comprovar se ela estava pegando um chileno, não me interessa nada saber se ela esta pegando o chileno ou não, me interessa saber de “*Quarto de Despejo*”, “*Casa de Alvenaria*”, que que é isso! É um dicionário de literatura não é “Contigo” “Tititi”, as informações são desconstruídas. Quando encontra o nome do cara você encontra com erro de data, erro de local de nascimento, erro de publicação, então não dá para dizer que não existe uma produção social da lacuna, quando aparece se produz socialmente o erro! “*ah mas é muita gente para ser preciso*”, “*mas você é preciso com o outro!*”

Mario Augusto Medeiros da Silva: Basicamente o negócio é o seguinte aqui. Memória é poder. Se eu estou falando que existe uma produção da lacuna, significa existe a produção e ausência de memória, logo existe uma retirada de poder do grupo social negro. Memória é poder, e os grupos sociais dominantes sempre tiveram muito claro, a memória da classe dominante é poder, as ideias da classe dominante, as ideias dominantes da sociedade são as ideias da classe dominante na sociedade. Isso não sou quem diz mas o velho barbudo na “*Ideologia Alemã*”, os dois barbudos na “*Ideologia Alemã*”, as ideias dominantes de uma determinada época são as ideias dominantes da classe dominante de sua época. Memória é poder, é poder, não tem a menor dúvida, isso está na leitura do Gramsci, na história social dos grupos subalternos, se tem uma coisa que os grupos subalternos tem que fazer... isso é uma coisa que a Elide⁶ sempre me alertava “*vai ler Gramsci*”, Risos...eu falava: “*mas não dá tempo!*”, “*Vai ler Gramsci*” Risos... coisa de orientadora e orientando né...Risos... “*Vai ler Gramsci, eu tenho os cadernos do Cárcere em italiano, o Carlos Nelson Coutinho fez uma publicação, já perdi em qual caderno que está, se vira*”. Está lá caderno 25, da nova edição, “*O Risorgimento*”, “*A margem da história: história social dos grupos subalternos*”, Gramsci está falando claramente: por que os subalternos são sempre perdedores? Porque eles não tem memória, porque eles são privados da memória, e por que o subalterno precisa o tempo todo ritualizar sua memória? Para construir um projeto político com isso. Logo a ideia de lacuna é também uma discussão sobre a ritualização da memória, se nomes de referência, dicionário você não tem a presença do negro ou tem ela precarizada ou tem ela toda mutilada, a memória desse grupo é inexistente, e vai sempre soar como estranho quando surge um preto na cena pública, na cena política, na cena literária, “*Oh raio em céu azul*”, não tem raio em céu azul, tem uma história de longa duração em que esses caras vem aparecendo, e de repente você tem um cara que se projeta mais que o outro, mas para chegar em Paulo Lins, uma Carolina de Jesus em termos de presença negra na literatura, você tem que voltar para o século XVIII e XIX, que já tem lá um *Domingos Calda Barbosa*, século XVIII é para isso que serve as antologias de literatura negra, para mostrar uma ritualização do processo de memória sobre a presença do negro como autor na literatura brasileira, e de uma história de uma literatura negra, é para isso que o *Oswaldo de Camargo* vai fazer a antologia da literatura negra brasileira, é para isso que *Paulo Colina* vai fazer o “*Axé*”, enfim os intelectuais negros e não negros vão fazer um repertório de existência da sua presença na história da literatura brasileira, porque memória é poder, e chega dessa história de raio em céu azul, de insólito! Antes do Paulo Lins tem uma cadeia longa duração de autores podem não ter tido a mesma projeção que o Paulo Lins, que podem ser inferiores a ele enquanto realização estética, mas está cheio de autor branco ruim, e por que eles estão presentes no dicionário? Está cheio de autor não negro, branco, menor, e tem mas tem seu nome lá bonitinho, o que escreveu, data de nascimento etc... está lá! Dicionarista não tem que ficar fazendo opção estética, se é melhor ou pior, bom ou ruim.

José Ricardo Marques dos Santos: Ou fazer só de um lado.

⁶ Elide Rugai Bastos, Professora do departamento de Sociologia da UNICAMP.



Mario Augusto Medeiros da Silva: E fazer só de um lado, e para sacanear peguei uma introdução que o Antonio Candido faz para um desses dicionários em que ele diz que aquele estudante de literatura brasileira que for fazer estudo sobre história literatura e precisar de um dicionário e está ferrado, eu concordo com o Candido. O cara que for fazer história da literatura negra brasileira está mais ferrado ainda! Está mais lascado ainda. Porque é ruim, é péssimo o trabalho. Então na época o que você tinha de dicionário bacana, você tinha do Ney Lopes, que é um esforço interessantíssimo, as antologias que haviam sido feitas por gente como a Ziláh Bernd que é pesquisadora de literatura brasileira, negra brasileira, Osvaldo de Camargo com “*Negro escrito*”, Osvaldo de Camargo com a “*Razão da Chama: antologia*”, o Paulo Colina com “*Axé*”, o Quilomboje que faz uma ritualização dessa memória, e estava ali o projeto, estava na boca do leão, o projeto do Eduardo Assis Duarte, que é o Gran projeto”, o grande projeto pra valer de uma antologia crítica da literatura negra brasileira, que o cara pega do começo do século XVIII, Caldas Barbosa, Maria Firmina dos Reis no século XIX e vem chegar nos escritores marginais dos anos dois mil do século XXI, então, em termos de dicionário, repertoriar essa memória, de ritualizar, de não produzir a lacuna, são esses caras que fizeram um trabalho decente, os antologistas, negros e não negros, Ney Lopes e o Eduardo de Assis Duarte, ponto. Agora a lacuna, ela é também um problema do ângulo das fontes, a gente começou a entrevista falando sobre a ideia de concretude, “*ah porque o cara foi para o congresso dos escritores negros*”, quem é esse cara? Foi como? Dialogou com quem? Trouxe o que? Eu não sei nada disso. É muito difícil auferir, isso é lacuna, e a lacuna é produzida pelos próprios grupos negros, isso precisa ser dito, que também não produzem a sua memória, tem dificuldade de produzir a sua memória. Em agosto eu estava em um seminário da USP, com... que eu conheci finalmente a Mirian Ferrara, Miriam Nicolau Ferrara, sobre imprensa negra no estado de São Paulo. Pô! E a mulher faz o trabalho entre 1915 e 1963, ela conta como ela conseguiu os jornais da imprensa negra e que depois ela e o Clóvis Moura vão doar para microfilmarem na biblioteca Mário de Andrade e vai virar esse trabalho aqui, tem o livrinho da Mirian Ferrara sobre a imprensa negra no estado de São Paulo, que ela faz com a dissertação de mestrado, com o João Batista Pereira, né, que sai num livro pequeno na USP, eu achei que a mulher tinha morrido, mas não, está aí, viva e firme e forte, e é branca, e na década de 1980, final da década de 1970 e começo de 1980 ela vai fazer uma dissertação de mestrado continuando o trabalho do Bastide, que para, começa, em 1915 e vai até 1940, ela faz até 1963. Ela conta nesse evento, que a Flavia Rios, Ana Barone, estava organizando, “*Territórios Negros nas cidades Paulistas*”, em um momento foi a exposição sobre a imprensa negra, que virou uma exposição permanente on-line. Como é que ela chegou na casa do cara? Em gente como o Jaime de Aguiar, o José Correia Leite, Raul Joviano do Amaral, e chegou nas casas dos caras e eles tinham os jornais da imprensa negra mofando, se perdendo, porque ninguém se interessava, vendendo esses jornais a peso para ferro velho, a família não estava nem ai, a família dos caras não estava nem ai... Ou seja, onde está o arquivo da Frente Negra Brasileira? A gente está falando do primeiro projeto político, de partido político do negro no Brasil século XX, entre 1931 e 1937, cadê o arquivo da Frente Negra Brasileira? Ficou com a família de alguém? Talvez, com a família do Lucrécio, dos Veiga dos Santos? Mas o arquivo institucional, hum... cadê? Já cansei de perguntar para o Valter como é que o arquivo da ACN chegou na UFSCar? Ninguém me responde isso direito, ele me diz que talvez tenha sido pelo Eduardo de Oliveira e Oliveira, santo Eduardo de Oliveira e Oliveira! Porque senão seria mais uma associação negra que teria seu arquivo indo para o buraco, pense na série de coletivos negros, experiências intelectuais negros no século XX, estou falando de século XX! Cujos os arquivos a gente não sabe, tem uma responsabilidade do grupo social negros, dos intelectuais negros da família do intelectual negro, dos continuadores dessas experiências coletivas negras de não ritualizar sua memória, porque que o Cuti vai fazer o livro sobre o José Correia Leite? Porque é um dos poucos caras interessados em memória no grupo negro. Da geração pós 1978.



O que o Cuti faz? Ele pega um gravador, uma máquina de escrever, bate na casa do “seu” José Correia Leite, que estava louco para falar, velhinho, “posso gravar?”, “Pode”. 900 laudas, dá trabalho? Trabalho do cão, mas graças a esse trabalho temos a história do associativismo negro de 1920 a 1964 riquíssimo, há uma irresponsabilidade dos intelectuais negros para com a sua ritualização da memória, então eles produzem socialmente lacuna, coisa que o Abdias do Nascimento tinha sacado muito bem quando ele tinha publicado *“Drama para Negros Prólogos para Brancos”* ou quando ele publica *“Teatro experimental do Negro: Testemunhos”*. Em *“Drama para Negros Prólogos para Brancos”* ele diz *“eu criei o teatro experimental do negro 1944 peças para negros, ou com atores negros, ou com autores brancos aliados como Nelson Rodrigues, Boal, com atores negros, diretores negros, com companhia... se eu não documentar essas peças, se eu não documentar que isso existiu, se eu não tirar fotos, quem é que vai saber do Teatro Experimental do Negro?”* E ele publica pela editora do TEN. Ai, o negócio existiu e teve crítica, *“vou pegar todas essas críticas e reunir em um livro”*, *“Teatro experimental do Negro”*, dois pontos, *“Testemunhos”*, sem isso a gente não teria, a gente saberia como ler as peças que foram feitas para o *“Teatro Experimental do Negro”* primeira experiência no século XX de um tetro de negros para negros no palco municipal do Tetro Municipal do Rio de Janeiro, o cara tem a saca de produzir memória, porque memória é poder. Mesmo que os livros se espalhem, que fiquem raros, e hoje é raríssimo encontrar *“Drama para Negros Prólogos para Brancos”*, mas está em biblioteca, fomenta a produção do teatro do Olodum, fomenta *“Os Crespos”* em São Paulo. Os Crespos dizem: *“nós nos baseamos na experiência do TEN”*, mas como eles se baseiam na experiência do TEN se eles não viram uma peça do TEN ser encenadas? Eles vão lá e leem o livro, leem a peça. Pô! *“Anjo Negro”*, a peça revolucionária da história do teatro brasileiro, está lá, foi feita para o TEN. Cacilda Becker, Abdias do Nascimento, contracenando em cena, tem uma foto dos dois ali, dando uma bicotinha, é pois é, memória é poder... existe uma produção social da lacuna? Sim! Do grupo negro, *“ah mas como é que vai guardar isso em casa, a família enche... você só só perdeu tempo com isso, não estava aqui comigo, com seus filhos, vai ficar esse lixo ai?”*.. é verdade, mas as gerações mais novas, mas também se você não faz isso, não ritualizar a memória parece que você está inventando a roda o tempo todo. Essa frase eu acho o máximo, ela é mágica, porque perde o processo social, perde a história, ai como sempre me disse a Héliide: *“as ideias parecem que surgem como cogumelos”*, porque então houve um ressurgimento do movimento negro em 1978, surgiu da onde? brotou do chão como cogumelo? Então fez-se Hamilton Cardoso? Fez-se Lélia Gonzales, Fez-se Abdias do Nascimento no municipal! Fez-se Milton Barbosa, é assim? é magico? Fizeram-se os cadernos negros? E tudo que veio antes, não serviu para nada? É tão novo assim? Memória é poder. Lacuna é disputa de poder Vocês me perguntam se Lacuna é uma agenda de pesquisa? Acho que é uma tremenda agenda de pesquisa para se enfrentar.

Erik Borba: E você acha que isso tem sido aos poucos, se direcionado?

Mario Augusto Medeiros da Silva: Acho que não só eu, para mim isso é um projeto intelectual, agora estuo estudando a Associação Cultural do Negro de maneira mais aprofundada, mas eu tenho visto outros pesquisadores que tem feito trabalhos que não estão dialogando com a ideia de lacuna mas que partem do mesmo principio que eu, a Ana Flavia Magalhaes Pinto com trabalho sobre a imprensa negra no século XIX demonstrando que a gente a seguiu a marcação clássica do Bastide, de que a imprensa negra começa em 1915, a Ana Flávia vem mostrando com um jornal que já em 1889 já havia um jornal negro na cidade de São Paulo, que a imprensa negra nasce ali em 1880 antes da abolição. Ou a tese de Doutorado dela agora sobre redes de solidariedade de negros no Rio de Janeiro no século XIX, o trabalho da Janaina Damasceno sobre a Virginia Bicudo. Eu me lembro, claramente, a Janaina era chata, lembro



claramente um dia que a gente estava na USP, já contei essa história em público, ela também, uma roda de estudantes negros, no saguão da faculdade de filosofia, da história, todo mundo ali fazendo suas teses, “estou estudando isso, aquilo”, e a Janaina ali só ouvindo... “*Hum, quer dizer que todo mundo aqui é pesquisador da questão racial, você já leu Virginia Bicudo?*”, “*quem?*”, “*Virginia Bicudo, você já ouviu falar dela?*”... “*Não*”... “*É de Comer?*”... “*É só a primeira mulher e a primeira pesquisa sobre relações raciais no Brasil, ou seja, de onde você está partindo, 1945*”... “*Por que você não leu?*”... “*ah, porque meu orientador não passou*”... “*ah, que bonito, quer dizer que se seu orientar não passar, que beleza de pesquisador você é, não é?*” Todo mundo, ficou uma coisa constrangedora, e tal, mas acho que é um trabalho a tese dela sobre a Virginia, é um trabalho que luta contra a lacuna o tempo todo, sobre a produção da lacuna o tempo todo. Os trabalhos sobre o pós-abolição, do Petrônio, Flávio Gomes, acho que vai nessa direção também. A moçada aqui do CECULT, Sidney Challub, Robert Slins, é uma galera que luta contra a lacuna, sem usar essa história ideia de lacuna, vamos ler as coisas a contrapelo, vamos ver essas experiências, vamos, mesmo que seja um fragmento, vamos cair matando no fragmento para ver o que ele pode formar vamos repensar a história do pensamento social a partir do ângulo do negro? Vamos repensar a história da sociologia, da sociedade brasileira a partir desse ângulo do negro? Mesmo que seja um fragmento.